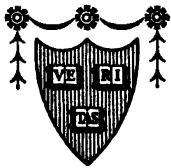
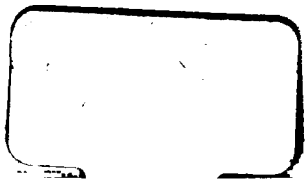
Part 6238.44

M 38454



Harvard
College
Library



ao Snr. Wilhelm
Storck

Off.e

o seu admirador

Manuel da Silva - Gay
Coimbra
19-XII-96

O MVNDO VIVE D'ILLVSÃO

OBRAS DO AVCTOR

POESIA

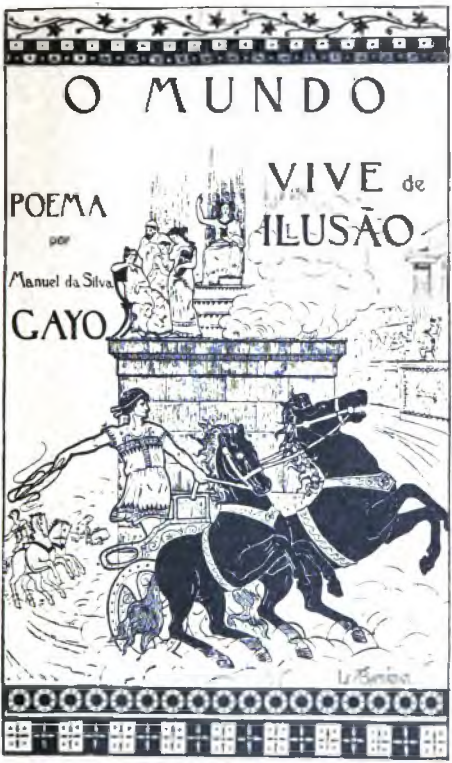
POESIAS — I, Canções do Mondego. II, Rimas escolhidas. 1 vol. 600

No prelo

AS TRES IRONIAS.

PROSA

PECCADO ANTIGO (novella). 1 vol. 400
OS NOVOS (critica) — I, Moniz Barreto. 1 vol. 400


O MUNDO
VIVE de
ILLUSÃO
POEMA
por
Manuel da Silva
GAYO

O MVNDO VIVE D'ILLVSÃO,

POEMA

POR

MANVEL DA SILVA GAYO

COIMBRA

TYPOGRAPHIA FRANÇA AMADO
M·DCCC·XCVI

Pol. 6238.44

HARVARD COLLEGE
May 25, 1912
LIBRARY

Courtney Bruerton

D'esta edição fez-se uma tiragem especial
de dezasete exemplares rubricados
pelo auctor e assim
numerados:

N.os 1 e 2 — em papel do Japão
N.os 3 a 17 — em papel de linho.

Printed in Spain

Á
MEM
ORIA DE
CARLOS LO
BO D'AVILA · A
O CONDE DE AR
NOSO · AO CON
DE DE P
AÇÔ - VI
E I R
A

PROLOGO

a G. de Moniz Barreto.

Gabinete vasto, forrado de altas estantes de carvalho. A um lado, uma larga mesa coberta de livros. Em frente da mesa, ao outro extremo da casa, um busto de Platão, em marmore, sobre um pedestal de ébano. Duas janellas, ao fundo, abrem para uma perspectiva de montanhas.

RAPHAEL (de pé, a Philaletho, que o ouve sentado á larga mesa de trabalho).

— « Que poder deu ao teu olhar
Essa inviolavel expressão
De deus, que indifferente vê rolar
O mar da Creação ?

Porque é que nos perturba, se nos fita,
O teu olhar sem côr, só luz,
Terror-de-céo que nos seduz
Como o olhar de Seraphita ?

Porque é que os olhos teus, amigo, têm
Moço repouso e eternidade?
Jámais, jámais os teve assim ninguem
D'uma tão implacavel claridade!

Só meus turvados olhos, sempre inquietos,
Em vão procuram onde repousar!
Tentados por ephémeros aspectos
Jámais podem parar!

E' que já me allucína a Vida, como ronda
Onde, de mão em mão, correm fachos ardentes.
A' busca do Existente, em vão meu olhar sonda
Um mar de sombras vans e tintas apparentes.

Quizera, como tu, pela contemplação
Ver o Mundo que só teus olhos sabem ver,
Rasgar emfim o véo de tentação
Em que a Diversidade envolve o Ser.

Ai! Dá-me esse poder extranho, que me faça,
Como um deus impassivel,
O Permanente ver em tudo quanto passa,
E o Real no Invisivel.

A Forma contemplando atravez dos aspectos,
Já poderia em mim o mundo eternisar.
Já minha alma, já meus olhos inquietos
Lograriam parar ! »

PHILALETHO

Se o meu olhar assim luz te parece
D'algum astro vertida,
Como o de quem, porfim *pensando* a Vida,
As tentações do Ephémero adormece ;

Se a impassibilidade
Enche meus olhos d'um fulgor divino,
Desde que eu encontrei na Idêa o Androgyno
Que em si funde do mundo e da alma a dualidade ;

Se atravez dos aspectos eu attinjo
A Forma e a Essencia ;
Se, como n'um anel, no mesmo olhar eu cinjo
Universo e Consciencia ;

Se em fugidía estrella migradora
Eu vejo a eterna Luz, e nas flores a Flor ;

Se nos amores pállidos d'uma hora
Eu vejo o Amor ;

Se dos homens nas vans e estereis anciedades,
Na doida agitação,
Atravez dos imperios, das edades,
Eu leio — Acção :

— E' que pude, afinal,
Vendo-a por um momento, aspirar o perfume
Da Flor que crystalliza e que resume
Em limites de forma a Creação ideal... »

RAPHAEL

Que Flor divina e mysteriosa
E' essa, que ainda pode assim tornar
— Ao vermos n'ella a Vida harmoniosa —
A nossa alma tranquilla e calmo o nosso olhar ?
Onde existe ? Em que sólo amigo ou dura rocha ?
E ai ! Por que mão feliz será colhida ?

PHILALETHO

— Só de tempos a tempos desabrocha
N'uma dura montanha aos céos erguida.

RAPHAEL

Mas quero então vencer essa montanha ;
Quero a divina Flor colher por minha mão

PHILALETHO

Só é dado faze-lo a quem já tenha,
Como eu, da Vida a rude provação.

RAPHAEL

Mas não soffro eu tambem ?...

PHILALETHO

Só quem no mundo, um dia,
Alheias illusões sacrificando,
As proprias illusões veio ceifando,
Subirá d'esse monte a escarpa fugidia.

Parte. Vae pelo mundo, onde a sorrir
Semeaste da mentira a seara loura,
Toda a terra salgar que pode ainda florir,
E que o sol ainda doura.

Vae, como eu fui tambem, com mão desencantada
Por fel amargo emfim trocar
Phalernos de sonho, espuma doirada
Nas taças dos que bebem a cantar.

Vae, entre as maldições das almas immoladas,
Em quem mataste o lirio da Illusão,
N'outros peitos cravar as espadas cravadas
No fundo do teu proprio coração.

Só depois, só depois é que a tua mão ha de
Merecer, algum dia,
A Flor mysteriosa em que se funde e allia
Ao aroma da Vida o brilho da Verdade.

(Raphael parte).

I

AMOR

MARIA

á memoria de João de Deus.

Casal branco, entre vinhedos, ao alto d'uma collina d'onde se avista, lá baixo, a fita d'um rio bordado de choupos e salgueiros. Maria, rapariga morena, de tranças côr de amora, fia á porta do casal.

MARIA (a Raphael, que tem parado em frente):

Ainda te sei cantar o que cantava
N'essas outras manhans
Quando, ao beijar-te a bocca, n'ella achava
Medronhos e romans.

— « Hei de sempre ser linda para dar-me
De noite ao meu amado.
Seus braços hão de achar-me
O peito a rosmaninho perfumado.

Meus beijos serão brandos como o leite
Da ovelha branca do rebanho ;
E hei de acarinha-lo como um anho
Quando á noite se deite.

Mas eu, que lhe dou tudo e sei ungi-lo
Em carinhos d'amor,
Nem lhe falo se acaso vou segui-lo,
E chamo-lhe : « O Senhor. »

Quando o espéro, os meus olhos deito a monte,
E ao encontro lhe vão,
Para que aqui m'o tragam já defronte
Do inquieto coração.

Ide, moças do gado, vêr se o vêdes
Pelo rio descer,
Se d'entre as dos salgueiros verdes rêdes
Seu barco lograes ver.

Ide ver, pegureiros,
Se é hoje rio ou monte o seu caminho.
Se ainda não conheceis quem adivinho,
Conhecem-no os rafeiros.

Ide todos dizer-lhe : que é sol fóra
Ha muito e ainda o espéro...
Só quando o tenho, então, se parte embora
Tão antes do que eu quero !

Ai ! Vem, meu doce amado, meu Senhor.
As cabras já no pasto retouçaram.
Já os anhos mamaram,
E beberam as hervas todo o orvalho.
Só eu, só eu não tenho e já não valho
Um só beijo d'amor.

Vem, que mais do que nunca ha de cheirar-te
A rosmano o meu peito.
Vem, meu Senhor, da calma refrescár-te
No linho do meu leito.

Sabes, Senhor, que toda te mereço,
Pois só de ti me entrego ;
O meu olhar é cego
Quando outros moços vejo e não conheço.

Dizei-o vós, moças trigueiras,
Que o meu gado guardaes,
Se por vindíma, apanha ou sementeiras
Eu d'outro fui jámais.

E' mais ardente e lindo o meu amado
Do que um dia d'agosto ;
Mas quando os beiços queimo no seu rosto
Refresca-m'os n'um beijo demorado.

Seus braços são possantes
Como os que erguem do feno os verdes mólhos ;
Mas se toda me quebram, por instantes,
Confórto-me no vinho de seus olhos.

O azeite do lagar não é tão brando,
Nem corre doce o mel como a sua voz
Quando, ao ficarmos sós,
Por entre beijos mesmo vae falando.

E' seu peito, de forte, uma parede
E, de macio, um linho,
Onde o seu coração, sem que se quêde,
Lembra uma ave que, ao ver-me, visse o ninho.

E' morena e córada a sua pelle
Como fructa que ao sol ainda amadure.
E quem o viu, por outros que procure,
Entre os moços jámais o esquece a elle.

São brancos os seus dentes
Como poldras seguidas n'um ribeiro ;
Bulham por lá passar meus beijos quentes :
Querem, querem ser todos o primeiro.

Ai ! Porque ainda não veiu,
E só vem quando o sol ha de cresta-lo ?
Ide, moças, buscar um tarro cheio,
Que ao chegar vae bebe-lo com regalo.

Os seus cabellos negros de macios
São como pello brando de novilho,
E faz lembrar seu brilho
Que n'elles se embaraça o sol em fios.

Mas eu que sei ama-lo
Cada dia com mais perdido amor,
Quando chega mal vejo, a medo falo,
E chamo-lhe « O Senhor. »

(erguendo os olhos para Raphael) :

Vês ? Ainda sei dizer-te o que dizia
N'essas outras manhans

Quando, ao beijar-te, a bocca me sabía
A môsto de medronhos e romans. »

RAPHAEL

« E no entanto, Maria, em vão soffreste.
Foi semente lançada á areia dura
Toda a graça d'amor, toda a doçura
Que me déste.

Pois, como a propria areia, nada guarda
Meu desejoso e farto coração :
Mais farto ainda de tudo o que lhe dão,
Que mesmo desejoso do que aguarda.

Nem tu sabes, ó dona de rebanhos
E do branco casal,
Uns olhos entender que, mal de tudo extranhos,
Já de tudo são gastos, por meu mal.

E foi, assim, tão falso o amor que viste
Nos olhos meus amanhecer,
Como é certo o que digo agora e faz correr
Teu chôro longo e triste :

Nunca te amei, Maria,
— Por mais cruel que faça o teu penar —
O que sempre busquei não m'o podias dar ;
Como ás outras, por isso, eu te mentia. »

MARIA

— « Ai ! Nunca, então, tivesses cá voltado
Para roubar-me o pão d'essa mentira
Que — desde que partiste e te não vira —
Meu coração trazia sustentado.

Pois nada te pesava,
Depois de me deixar, que eu certa ainda vivesse
De que um dia tivesse
Sido meu, como eu d'Elle, aquelle que chorava.

Que eu, fui como uma freira desde então,
E meu casal mais triste que um Semide.
A dar-me só saudade, o coração
Mirrou-me para o mais como empestada vide.

Mas quando fiz convento
Do casal onde o meu amor out'rora vinha,

E em vez do gado ouvi correr o vento
Pela crestada vinha,

— Como linda Senhora,
Posta em mosteiro só para chorar
Um moço que por seu sentido fôra
Finar-se longe, a batalhar —

Ainda, ao menos, dizia para mim :
« Chóro alguem que perdi. »
Mas assim...
Sou viuva d'um bem que nunca possuí.

Nunca tu cá voltasses, a matar-me
O que foi minha vida, e que só tu me déste.
Pois não cuidas no mal que me fizeste
Com tanto desencanto confessar-me ? »

RAPHAEL

« Nem tu sabes, Maria,
A minha alma entender e o fado que a domína :
E' aranha que a vida em teia morta esfia,
Casal branco com muros de ruína.

Sou d'esses a quem Deus
Mandou queimar a terra semeada
Para que, aos olhos Seus,
De fructos que já deu não torne a dar mais nada.

Sou dos que só assim podem contar
Ver um dia florir vinhas de luz...
Não me entendes, Maria. Ai ! Fica-te a chorar
Nossa vinha d'amor, que sem raizes puz. »

(Parte).

MARIA (chorando) :

« Ai de mim ! ai de mim ! Se ha de só vir,
Quem nos traz a verdade,
Depois de morto o amor matar mesmo a saudade,
Bemdito seja então quem nos mentir ! »

POEMA
DE
LIVIA

a Eugenio de Castro.

Palavras de Raphael.

« Aventureiro amor, ó noiva dos navios,
As lúcidas visões de exoticas paragens
Erguem de tentação os seios teus macíos :
Lê-se ainda em teu olhar anceio de viagens...

Ainda ao mesmo perfume o teu corpo rescende
— Myrrha, incenso, benjoim, cannela de Golconda ? —
Ainda o teu peito é como amornecida onda
Que, arfando aroma, em sônho a vida nos suspende.

Ainda do teu cabello o negro turbilhão
Diz por mais d'um paiz tua existencia andada,
Quando, de volta, arvóra um novo pavilhão :
Tulipa de Brabante ou cravo de Granada.

Ainda tens, Astarté do mar cosmopolita,
D'um fugidío sônho a ancia duradoura,
Para ephemera posse, a ambição infinita
D'outro céo, d'outra espuma e d'outra praia loura.

Contradictorio ser, enygma torturante,
Lembras-me ainda canção, que a morte em si resume,
Antithetica estatua onde arda uma alma errante,
Corpo flúido que fosse esculptural perfume.

Lê-se ainda n'esse teu olhar — que ha muito já
De tudo só procúra a invisivel face —
« Sonho do Longe », irmão do d'alguem que sonhasse
Em parques d'Elsenor terraços de Bagdad.

Aphrodite D. João, errante Sulamite,
Carne antiga que morde a agúda febre de hoje,
Eu sei que não terá o teu andar limite,
Pois sempre o teu Eleito ao largo se ergue e foge.

Mólham nos olhos teus — pórtos de treva azul —
Frotas-constellações de muitos céos trazidas :
Como alliadas naus baloiçam reunidas,
Toca a Estrella do Norte o Cruzeiro do Sul.

Pois muito céo tu viste e muita agua profunda,
A' busca do que não podias encontrar ;
E, de procurar sempre — eterna vagabunda —
A terra linda e nova, envelheceu-te o olhar.

Como ambar, tua pelle a beijos vem polída
Quando voltas de dar-te, insatisfeita, ás raças.
Da tua carne a dôr eu leio (quando passas)
De virgem se sentir... depois de possuída.

Sei que não podes ter um só dia repouso,
Meu mystico Peccado, e Anceio descontente,
Pois sempre ha de morder-te allucinantemente
A tentação azul do *innominado* goso.

Sei que em vão abordaste os pórtos d'arrebol,
E das costas do Norte os gôlphos-nevoeiros,
Levando — extranho dom dos olhos teus trigueiros —
Aos Levantinos sombra, a Scandinavos sol.

II

Mas eu, que te comprehendo violada
Por desejo, que é dôr, e crucifica,
E que, de tortura-la, purifica
Essa Carne que pede e chora o... nada ;

E sei que n'esse corpo possuído
Habita uma alma d'aza voadora,
Que quer ser presa e sempre tem fugido,
Como ave eternamente migradora ;

— Alma d'aspiração, de lume e vida,
Mais livre e pura em corpo dado a todos
Do que as de sêccas virgens — almas lodos
Dentro d'alvas de carne impolluída ;

Eu, que a antithese leio do teu ser,
E conheço o segredo d'este horror :
Que vás, por desejar, aborrecer,
Por não poder amar, morrer d'amor ;

Eu, que ainda te conheço a inquieta febre,
E o marinho perfume d'alma errante,
E não creio que a Vida jámais quebre
A tua graça elastica e vibrante ;

Eu que sei ler no fundo d'esse olhar
Verbos de luz entre abominações :
Essa angustia do Novo nunca achar
No leito onde chamaste as legiões,

E onde te prostitúes sempre de novo,
Olhos prèsos n'uns olhos de Visão,
A púrpura deixando da Illusão
Em farrápos ficar a cada povo ;

Eu que ainda sei sentir-te o encanto amargo
— Alma gémea da minha na tortúra
De pérolas sonhar em lama escura,
E d'os passos perder olhando ao largo — ;

Eu que ainda adivinhara, estatua triste,
Nos teus olhos o Amor, que não provaste,
Na mentíra de quanto possuíste
A verdade de quanto desejaste ;

— Eu, não te amei tambem, mármore quente,
Porque, se o lia em ti, tambem sentía
Como só quanto foge prende a gente,
Como o fogo da posse em tédio esfría.

III

Não te amei quando, á tua a minha bôcca presa,
Pude o vinho sorver das acres seducções,
E prostituir-me, em ti, noiva das multidões,
A' tua resistente e mórbida belleza.

Não te amei quando, assim, meu Culto de Luxuria,
Davas, pedindo um deus, a linda carne tua,
Como a davam outr'ora as Syrias, sob a lua,
Aos barqueiros de Tyro, em religiosa furia.

Não te amei ao prender-me a rêde transparente
Em que a antíthese tece os teus prestigios todos :
Da tua fresca voz os cálidos engôdos,
E do teu sabio amor a graça adolescente.

Mentia-te ao dizer, um dia, Livia doce,
Da tua bôcca erguendo o cêrco de meus beijos :
« Que sempre a sorvería, assim como se fosse
O só favo onde estava o mel de meus desejos. »

Porque, de tê-lo, vi meu sônho já desfeito,
Porque, gémeo do teu, meu desbotante enfado
No teu beijo me dera o de outras bôccas dado,
E d'outros peitos fez irmão teu branco peito.

E, pois que adivinhava, eterna Enfastiada,
Em ti mesmo o meu mal, eu mais te achava ainda
Travo, no brando mel da bôcca perfumada,
Morte, n'esse aspirar que, apenas é, já finda.

E assim, embora fosse a nossa carne forte,
E rara perfeição tua esculptura, Livia,
O encanto d'esse enlace, ó Torre de Lascivia,
Matávamo-lo nós só com prevêr-lhe a morte. »

IV

Quando isto eu disse a Livia, a sua voz, em chôro,
D'um perfume de mágua aquella tarde encheu
Em que o sol escorría o sangue môrno d'ouro
Da patena doirada e concava do céo.

« Nunca m'o houvésses dito, e nunca, por te ouvir,
Eu soubésse que só, dos dois, tu não deixaste
De — ao ter-me — aquelle grito ancioso repetir :
« E' outra Essa que chamo ; é Outro o que buscaste ! »

Quando te vi partir, o pranto de chorar-te
Adoçou-se-me ao crêr que, embora enfastiado
D'este amor, d'esta posse, havia de lembrar-te
Em dias de futuro uma hora do Passado ;

Que por me haver perdido, e por já longe estar,
Acharías que eu era Aquella sem rival ;
Que de outras atravez sonhavas ainda achar
Do meu distante amor a seducção mortal ;

Que fôra uma verdade esse illusorio encanto ;
Que alguma coisa fôra essa visão perdida,
Para, ao lembra-la ainda, a amar eu ainda tanto,
Para, já morta, ir eu ainda pedir-lhe vida.

E ai ! Se de novo fui a noiva dos navíos,
Por muitos sóes vestida e muita noite escura,
— E' porque só quem prova um bem que pouco dura
Sônha eternos fazer os dias fugidíos.

Mas de longe, ai de mim ! de ti só viver pude,
Pois, nos leitos d'amor brutal appetecida,
Jámais dos outros fui ; na posse nova e rude
Era sempre por ti de novo possuída.

Se um apoz outro peito ao seio meu cingía,
Se n'outra bôcca ardente a minha se collava,
Era dos braços teus que eu prêsa me sentía,
E os beijos que então dei, era ainda a ti que os dava.

Ah ! de quantos meu côrpo em rógos engastaram,
De quantos do meu sangue eu derreti na lava,
— Só tu parar fizeste uns olhos, que não param,
E fizeste da tua a minha carne escrava.

Foi em vão que depois eu soube iniciar
Dos éphebos em flor a ancia renascente ;
Em vão que os nervos meus, de sadicos amantes
Ao vampírico beijo, eu quiz tetanizar.

Em vão, em vão eu fui para os do brusco Norte
A flor do cacto real a arder no nevoeiro.
Em vão, só de os olhar, o raio fui primeiro
Dos que o opio do Sul mergulha em branda morte,

Pois nunca mais te pude um só dia esquecer,
Quando castellos fiz da neve boreal,
Quando dos olhos meus ao lúcido casal
Nas cisternas da Syria eu dava de beber.

— D'um forte rei do mar viagei na capitánea
Nau de cedro entalhada a lacca e pedrarías,
E vi, d'um *sheik* ao lado, as bravas *fantasias*
Dos que montam corceis na adusta Mauritanea.

Tive gregos de Smyrna, esveltos argonautas ;
E apoz um negro lindo e hercúleo do Sennaar,
Lybios de carne quente e doce de beijar,
Marinheiros de Chypre, e ferozes Arnautas.

Por imperios de luz e bairros de cidades
Derreteram milhões meus olhos corruptores,
Até que, farta já, dormi por matto e herdades,
E partilhei de noite abrigos de pastores.

Mas ai ! dos que o meu corpo em extase beijaram,
De quantos do meu sangue eu derreti na lava,
Só tu parar fizeste os olhos que não param,
E fizeste da tua a minha carne escrava.

Nunca m'o houvésses dito, ai ! nunca por te ouvir
Da verdade eu sentisse o fel no coração...
Bemdita seja sempre a bôcca que mentir,
Bemdito seja sempre o fructo da Illusão ! »

De novo erguida então, quebrando como um chôro,
De Livia a perfumada e quente voz encheu
A tarde em que, tambem n'essa illusão do céo,
Era o sol que no mar tombava a escorrer d'ouro.

AS ILHAS VERDES

a L. P. de Brinn' Gaubast

Viagem de Raphael.

De Raphael a barca singradora
O archipélago verde costeava,
Que tem ilhas de praia curva e loura
Onde, cantando, outr'ora elle aportava.

Fôra um dia, sonhando ao longe ver
A bôa e extranha Circe,
Do doce olhar da qual ao revestir-se
Seu morto coração pudésse reviver.

Mas tanta graça em seu rosto moreno havía
Que então cada uma, ao vê-lo,
Em vez de o possuir e de prendê-lo,
Presa ficava emquanto elle fugía.

E agora ao voltar diz : « ironica intenção,
Presas Circes, trocou nossos destinos,
Pois nunca, ao ter o vosso, eu dei meu coração,
Nem por vos ter só meus fui vosso, olhos divinos.

— *Lesbos* do loiro sonho : foi sonhando
Que a praia te subi e em *sua* mão toquei.
Sonhando me sorriu... mal comecei
A ver murchar de enfado aquelle sonho brando.

Paros do meu desejo ! Em vão me déste
A tua dona — a flor de carne branca e fria,
Essa a quem só no olhar o amor estremecía,
Como no mar Egeu a brisa do sudeste.

O' ilha de sycómoros vestida,
Nem tu mais has de ver-me, pela tarde,
Beijar A que ainda tem olhar extranho onde arde
Sob lagos de sombra uma flamma homicída.

Insula rude onde balouçam
Reboadôramente os pinheiraes !
Não canta já quem, longe, as pegureiras ouçam,
E em vão nos echos teus se quebram ainda os ais
Que em beijos eu então lhes afogava,
Emquanto, estremecendo, o gado nos olhava.

Ilhas verdes e vivas, a que um dia
Como rei moço e bárbaro aportei,
— A todas para sempre vos deixei.
Mas ainda o vosso chão reverdecía
E os corações a quem tambem ficara
O sonho de que fôra um dia vosso
O caprichoso rei, moreno e moço,
Que, saudades deixando, amor levara.
E agora... sentireis, donas d'almas saudosas,
Nos corações seccar, seccar na terra a vida.
Hão de as aves calar-se e as fontes melodiosas
Ouvindo o que vos diz a minha voz dorída.

— « Vejo que me illudí quando, olhando a miragem
Que me guiou, cuidei acha-la em todas vós,
Ilhas verdes, e ver no final da viagem
Aquella a quem minha alma escuta ha muito a voz ;

Penso já que perdi meu procurado norte,
Pois, Circes, não achei meu sonho em vosso amor,
Por isso já na vossa eu vingo a minha dôr,
E vos trago na minha a vossa morte.

Seccae, tombae, morrei,
Almas verdes de sonho, e verdes arvoredos!
Afogae-vos no mar, brancos rochedos,
Que a todos para sempre vos deixei.

Vêde, ó almas, cahir as folhas da saudade
Em que ainda o vosso amor reverdeceu.
E' d'Illusão a seiva que as invade,
E nunca, nunca as aqueceu
Um sol vivo d'amor, pois nunca vos amara
Aquelle que o mar trouxe em manhan leve e clara.
Seccae, tombae, morrei,
Que nunca vosso fui, que nunca vos amei! »

E Raphael vê murchar
A' sua voz os bosques e as alfombras,
As arvores despir as folhas que, ao tombar,
Afugentam ao longe aves e sombras.

Mas, quando no mar vasto
De novo foge ao largo,
Vem das ilhas um chôro vivo e amargo
Que da veleira barca segue o rasto.

A VOZ DA ILHA DO SONHO

« Ai ! nunca do meu sonho doce e leve
Voltasses desfazer as névoas claras.
Pudéra crêr ainda que o sonharas
Embora eu só lembrasse essa hora breve ! »

A VOZ DA ILHA DA BELLEZA

« Pudéras ao deixar meu corpo bello
Deixar-me ainda ficar — suave rastro —
O sonho de que um dia o amaste ao vê-lo
Viçar como uma flor d'alvo alabastro ! »

A VOZ DA ILHA DOS SYCÓMOROS

« Languidamente, preguiçosamente
Dei-te em beijos venenos de quebranto ;
Nunca eu soubera que, de tanto encanto,
Só eu guardo a lembrança rescendente. »

CÔRO DE VOZES LACRIMOSAS (erguendo-se, vivo e rápido, de todas as ilhas verdes) :

« Ai ! Nunca o teu barco lograsse
As nossas praias ainda achar.
Antes teu corpo ao largo andasse
Boiando morto pelo mar.

Ai ! Porque assim roubar vieste
O que era tudo para nós,
E, como a vida, a morte déste
No que nos disse a tua voz ?

Ai ! Nunca a tua voz lograsse
As nossas almas acordar.
Antes teu corpo ao largo andasse
Perdido e morto sobre o mar.

Tudo já sécca ai ! Tudo morre...
Nunca a verdade o mundo ouvira.
Bemdita a bocca d'onde corre
A agua doce da mentira ! »

CORAÇÃO
MORTO

ao snr. Wilhelm Storck.

Sonho de Raphael.

« ... notaram que, entre as suas cinzas (as de Germanicus) e os seus ossos queimados, o coração ficára intacto, e é crença commum que o coração impregnado de veneno resiste ao fogo. »

SUETONIO.

I

Raphael sônha-se morto.

Luctuosa,
Aquella que suppôz prendê-lo em vida
O corpo lhe perfuma em pyra erguida,
A fim de que arda á chamma crepitosa.

Porque exequias lhe faz de rei pagão
Sabendo que Elle amára a morte antiga,
Pois divinisa o heroe que já não briga
Resgatando-lhe o corpo á podridão.

N'uma hecatombe nobre ferve e corre
Das victimas o sangue vivo e mórno.
Um cento d'anhos brancos tomba em torno,
E sob a espada curta um toiro morre.

Immolação cruel, manda depois
Seu molosso tambem sacrificar,
O terrivel mastim, que d'Elles dois
O companheiro foi familiar.

Raphael, morto em sônho, vê-a agora
Vir, d'entre o dos que a cercam vão tropel,
Em volta do seu corpo, que Ella adora,
Pôr ámphoras d'azeite e loiro mel.

E rodeia-a depois um grupo amigo
Que faz ao vento e ao fogo a libação
Do propiciatorio rito antigo,
Para que a chamma irrompa n'um bulcão,

E os tristes restos breve lhe consuma
— Agora que Ella á pyra a lenha accende,
Que o fogo já vivissimo se estende
E dos balsamos seus o ar perfuma —.

D'uma kratéra d'ouro Ella derrama
Na terra o loiro vinho precioso.
De cinzas o cabello cobre, e chama
Pela alma d'Elle em pranto doloroso.

E a alma do Poeta, que voára
No sônho libertada, pode ver
Os seus restos já feitos cinza clara,
Vivo ainda estando, assim ver-se morrer.

Até que já das ámphoras vertido
O vinho sobre as chammas, Ella ordena,
Atravez da fronteira e vasta arena,
De carros um combate heroico e ardído.

Já prestes os mancebos têm as *bigas*,
Alinhadas da immensa arena em frente.
Vestem linhos e púrpura os aurigas,
Como deuses sorrindo altivamente.

Espumando, os corceis os freios mordem,
Das retezadas guias dominados,
Emquanto os cavalleiros pela ordem
Espéram de partir, desafiados.

— Como Êôs de peplos d'açafrão
No mar de Troia outr'ora se espalhava,
Como se Zeus beijasse a Creação
— O sol de luz heroica o ar banhava.

E a alma do Poeta se dissera
Ao campo dos Atrídas transportada,
De Patroklos a pyra vendo armada
Nos funeraes que Akhilleus lhe fizera.

Tres moços vê em linha, na destreza
Da Argólida lembrando os moços bellos :
Diómedes, Antilokhos, Eumélos :
A força, a graça pérfida, e a nobreza.

Aprumam-se nas *bigas* chapeadas
D'oiro e estanho, os ginetes reprimindo,
Que escarvam já na terra e já, nitrindo,
Estremecem de crinas agitadas.

— O primeiro dos moços é moreno,
De pállido sembrante e duro olhar,
D'uma expressão terrivel de fitar,
Embora o porte seu seja sereno.

Sua purpúrea túnica é sombria
Como se em sangue môrno fôra tinta.
Sem azorrague, á voz vibrante e fria
A parelha conduz negra-retinta.

Uma phenicia túnica vermelha
Reveste do segundo o corpo airoso ;
E o cinto é d'oiro vivo uma centelha,
Como oiro é seu cabello setinoso.

Côr de pervincas são seus olhos vagos,
A pelle ebúrnea e doce lembra o leite ;
Como de urna de bronze o brando azeite,
Da sua forte voz correm afagos.

Soberbo jugo dóma d'alazões
Com um açoute feito d'oiro e sêdas ;
E seus fulvos corceis, côr dos leões,
A'quella voz são como ovêlhas quêdas.

O terceiro, de negro e puro olhar,
D'alva túnica veste o tronco forte ;
E tanta alvura mais lhe faz brilhar
A elevada estatura e o nobre porte.

Sua parelha é branca como o linho,
Fogosa como os Pylicos cavallos ;
Mas sua rija mão sabe doma-los,
E macíos faze-los como o arminho.

II

E apenas foi por Ella erguido
Signal de entrar no prelio, as *bigas*
— Ao grito agúdo dos aurigas —
Fazem tremer o chão batído.

Nuvens de pó, clamor da turba,
Exhortações... mudez anciosa...
Nada, aos que vão n'essa fogosa
Lucta correr, fere ou perturba.

Vão ainda a par, n'um vôo leve,
Os alazões de freios d'oiro
— Que excita a voz do ephebo loiro —
E os corcéis brancos de neve.

E estes, a mão do moço nobre
Em curso egual serena os leva,
Embora, após, certo, redobre
O galopar dos côr-de-treva.

Até que, ao ver os corceis brancos
Um palmo já ganhando á frente,
O flavo heroe fustiga, ardente,
Dos potros seus os aureos flancos.

Como leões, arrancam logo
Sentindo a mão do lindo auriga ;
E o carro põe sulcos de fogo
No branco pó da arena antiga.

Pérfido, quer o loiro môço
O jugo seu atravessar
Para a veloz *biga* voltar
Deixando-a atraz, como um destrôço.

Chocam-se então as *bigas* d'oiro
(Iam roçar pela baliza !)
E o branco heroe do ephebo loiro
A intenção vil no olhar divisa.

Brancos corceis, lazões doirados
Luctam de pé, mordendo os peitos,
As crinas no ar, ilhaes rasgados,
Nitrindo dôr e insatisfeitos.

A multidão olha, suspensa,
Vendo a luctar os moços bellos.
— E a galopar, já os dois morzellos
A' frente vão, na arena immensa.

E quando, após a infanda briga,
— Môrto o rival na arena poenta —
A voz do heroe loiro em vão tenta
Os lazões mortos de fadíga,

Já os corceis negros-de-treva
— Que bronzea mão serena e quieta
N'um galopar seguro leva —
Chegando vão perto da meta.

III

E Ella diz n'uma voz fendida pela dôr :
« Os *seus* versos lembraes e o *seu* cruel destino,
Aurigas e corceis : loiro ephebo do Amor
Atraiçoando da Gloria o auriga divino,
Emquanto, heroe da Morte, o jugo teu avança.
Serás, sombrío auriga, o vencedor eleito
(Grita ao pállido heroe que a méta agora alcança) !
E como o meu Poeta é todo em cinzas feito,
Por premio te darei o que Elle me legou :
Esta urna singular onde, ao tombar, o pranto
Se torna em joias logo e apenas lá tombou. »

Recebe o heroe da Morte o extranho premio, emquanto,
Ainda longe, se vê tombar o auriga loiro.

Do Poeta Ella manda em altas urnas d'oiro
Os restos encerrar que a chamma consumíra.
Mas então vê na cinza, intacto, o coração
D'Esse que amára tanto.
E, tomando-o da pyra,

Ergue-o altivamente em sua propria mão,
Aprumando d'orgulho o busto nobre e forte.
E exclama, com voz tornada já segura :
« Vêde — é para guardar a minha imagem pura
Que ao fogo resistiu, e que resiste á morte ! »

RESPOSTA DO CORAÇÃO

« Se resisto — afastae das illusões o assédio —
E' que, bebendo amor, envenenou-me o Tedio. »

II

ACÇÃO

E

FÉ

O SANTO

á memória de Anthero de Quental.

Praça pequena d'uma velha cidade. A um lado, ergue-se uma cathedral gothica. Ao meio da praça um pelourinho. Em frente da cathedral um enorme palacio em construcção. — Ao amanhecer.

Raphael pára em frente da cathedral, olhando a estátua d'um santo que, entre os outros santos gastos e mutilados, sobresae inteiro e perfeito da fachada, coroado d'um baldaquino em ogivas, e assente sobre uma peanha lavrada.

RAPHAEL

— Que amoravel e quente mão d'artista
Tão viva te arrancou, espiritual figura ?
Porque chamas e prendes nossa vista
Como alguem que entre mórtos ainda dura ?
Quem és ? Que alma ficou em ti sonhando,
Que a pedra transfigura, a pedra illuminando ?

O SANTO

O doce Christo da alegria,
Que da pobreza fez sua luz quando vivía.

RAPHAEL

Ah ! Se o teu vulto séculos venceu
Emquanto tudo em volta ha muito envelheceu,
— E' que ainda sobre o mundo alguem tinha de vir
D'essa voz d'Illusão um dia ouvir
A tua vida e morte, assim como se fosse
Um poema d'amor vehemente e doce.

O SANTO

Desde que em vida andei cantando,
A ninguem repeti meu cantar brando
Na minha voz d'outr'ora.

E' que a minha alma agora :
— Se *canta,* é por gargantas impeccaveis
De gente sem maldade e de aves amoraveis ;
— Se *fala,* é pela voz da natureza inteira,
Dos montes e vergeis ás pedras da pedreira,

Das aguas marulhantes
Aos balidos trementes e distantes ;
— Se *sônha*, é n'outras almas, que ha de havê-las
Humildes como a minha, e ainda mais bellas.

RAPHAEL

Como a tua não ha, nem houve alma tão pura.
Não foi a tua vida um sol feito d'alvura ?

Quando o Santo, sorrindo, abre de novo os beiços para cantar, sáe-lhe da bôcca um casal de andorinhas, emquanto do baldaquino e d'entre os lavores da peanha sáem pombas brancas que, agitando as azas, lhe rhythmam a canção, como batutas fremen-tes d'amor.

O SANTO (cantando) :

— Quando eu vivía sob o céo leve
Do meu paiz
Levava a vida n'um sonho breve.
Era feliz.

Rimei primeiro loiros cantares
Como os jograes,
Que iam cantando pelos solares
E arraiaes.

Até que um dia, na hora clara
D'uma visão,
Dei todo, A'quella que mais amára,
Meu coração.

Porque era mais do que todas bella
Essa Princeza.
— Em minha vida chamava-se ella
Santa Pobreza. —

Depois, depois fui o seu troveiro
De noite e dia.
E ninguem teve no mundo inteiro
Tanta alegria.

Nunca eu tão bello fôra jámais.
Cheios de pranto,
Nunca olhos pretos brilharam mais
Nem riram tanto.

Por Ella nova côrte d'amor
Fundei no mundo.
Ria-lhe em graça Nosso Senhor
No olhar profundo.

Ah ! desde então toda a minha vida
Foi uma boda
Em que cantava, de commovida,
A terra toda.

Para que ao nosso noivado santo
Ninguem faltasse,
Aos máus e aos feios lavou meu pranto
A negra face.

Ladrões e pobres esfarrapados,
Rindo entre o chôro,
Vinham cantar-nos, transfigurados,
Psalmos em côro.

Vinham crianças, almas-estrellas,
Boccas-medrônhos,
Ver nos meus olhos — irmãos dos d'ellas —
Vôos de sonhos.

Vendo-nos, santas ou peccadoras
Ajoelhavam.
Vagas de tranças negras e louras
O chão coalhavam.

Quando eu passava á tarde rezando
Pelas florestas
Ia attrahindo, todas em bando,
Feras e bestas.

E as aves, mal me ouvíam cantar,
Era aos milhares
Que em côro vinham acompanhar
Os meus cantares.

Não ha, não ha como aves do céo
Almas amigas.
Sabiam todas melhor do que eu
Minhas cantigas.

Que eu proprio, ás vezes, quando as ouvía
Até scismava :
Se era de ouvi-las que eu aprendía
O que cantava ;

Se Deus as aves tinha ensinado
Para, melhor
Que pelos homens, ouvir louvado
O seu amor !

Sempre ao seguir macías clareiras,
Ou selva espessa,
Cingía um arco d'azas ligeiras
Minha cabeça.

E eu soluçava : « ó aves dos céos,
Cantae, cantae,
Ver-nos alegres alegra Deus,
Que é nosso Pae. »

E o bando, como uma alada prece,
Mais me cercava,
Como se a bençam tomar viésse
Que eu lhe lançava.

Para depois — que turbilhão d'azas
E leves plumas ! —
N'uma onda voarem feita de brazas
E alvas espumas.

E então meus olhos se condoíam,
Vendo-as ficar,
Das pobres coisas, que não podiam
Tambem voar ;

Das baças pedras, mudas de máguas
Onde, tombando,
Fulgúra e sol e cantam as aguas
Que as vão minando ;

Das pobres pedras, que olham doídas
A Creação
Por tudo serem almas e vídas,
Só ellas não !

Mas sempre em tudo uma alma eu achava
Que me entendía :
Nas proprias pedras — occulta e escrava —
Me respondía.

Pois, ao beijá-las, ouvia ás vezes,
Ouvia, em pranto :
« Nada desprézes, nada desprézes
E serás santo. »

E se voltava pelos carreiros
E chans desertas,
As que eu beijára, via-as cobertas
De jasmineiros.

Quando seguia, dos povoados
Pelas lavouras,
Medravam logo trigos doirados,
Searas louras.

E onde parasse, ouvía de novo
Gente em redor :
« Vinde, Santinho, no nosso povo
Ser lavrador ! »

Ninguem no mundo jámais como eu
Lográra amar.
Coube-me á larga no peito o céo,
E o vasto mar.

Como em alpendres, sob os meus olhos
Eu acolhía
Bosques e vinhas, rochas e abrólhos,
Tudo o que vía.

E minha alma ia nos grandes rios
Que ao longe correm,
Que lembram chóros, longos e frios,
D'almas que morrem.

Minha alma, viva, a morte sonhando
Para ver Deus,
Quiz confundir, no amor quente e brando,
A terra e os céos ;

Quiz, medianeira, dizer ao mundo
Humilde e pobre :
« Deus desce á terra, do céo profundo
Que a terra cobre,

Deus desce á terra, d'um doce fogo
Nas linguas puras,
— Se encontra voz o trémulo rogo
Das creaturas. »

Por isso, quando um monte escolhera
Para Calvário,
Depois que a todas meu verbo déra
Por breviário,

Um dia, vi — de deslumbramento
Mudo e suspenso —
Tornar-se todo luz, n'um momento,
O céo immenso.

E d'entre aquelles clarões distantes
Vi descer logo
Um seraphim d'azas deslumbrantes
Feitas de fogo —

Azas de flammas, azas que abrindo
Formavam cruz,
Onde pregado, triste e sorrindo,
Vinha Jesus.

Cégo, d'aquella deslumbradora
Apparição,
Ferveu-me em lava consumidora
O coração.

Ha de sentir queimada a alma inquieta
E os olhos seus
Todo o que em vida, Santo ou Poeta,
Avistou Deus.

A chamma da alma, seiva d'amor,
Florindo em sangue,
Abriu-me as chagas do Redemptôr
No corpo exangue.

E desde então, de estigmas divinos
Mortificado,
Fui pelo sol dos grandes destinos
Illuminado;

Pois Deus aos que na Dôr compartilham
Por feliz sorte —
As chagas torna em astros que brilham
Depois da morte.

Morri feliz por ter semeado
Na terra dura
Trigo d'amor, que tem já medrado
Em seara pura

— Pois hoje em dia, da terra toda,
Das multidões,
Chegam-me apenas córos de boda
E communhões.

E, emquanto os ricos passam no mundo
Para penar,
Ainda eu tambem no côro profundo
Ando a cantar ! »

RAPHAEL

« Perdida voz de sonho, harpa isolada
Que velhos psalmos canta entre o tumulto
Da gente desvairada !
Ninguem hoje se inflamma no teu culto.
Os proprios desgraçados
Desconhecem a voz que, outr'ora, pelo mundo
O Poema cantou dos desherdados.

O mundo é d'egoismo um pélago profundo.
Almas puras que o vão atravessar
Vêem surgir da vaga mãos crispadas
Para as franzinas barcas afundar.
Ai ! das almas que partem confiadas,
Cantando e sonhando,
Sobre a doirada barca da Illusão !
Sereias de si mesmas, vão cantando
A propria perdição. »

O SANTO

« Nunca a tua voz dura e desfolhada
Tocasse os meus ouvidos.
Se os frémitos da minha voz alada
Ha muito estão dos homens esquecidos,
Deixasses-me ficar o sonho brando
Que atravez d'outras almas vim sonhando,
Que ainda animava
A pedra, e o ar em tôrno perfumava.
Mas a tua voz mente, meu irmão.
Como as aves se acercam do meu vulto,
Ainda ha no mundo muito coração
Esvoaçando em torno á chamma do meu culto.
Deus vae descer d'um novo Alverne á escarpa.
Como cordas de luz, ha prantos cristalinos
Que vão da terra ao céo ; e oiço passar n'essa harpa
Accordes feitos d'ais e frémitos divinos ! »

RAPHAEL

« Illusão ! »

O SANTO

« Tua voz crepuscular
Em vão procura, em vão

A quente voz da terra dominar.
Porque esta ha de invocar-me, e amar-me; e o sol ardente
Minha estátua ha de vir beijar eternamente... »

N'isto ouvem-se dentro do templo pancadas fortes, e um fragôr de demolição. Andorinhas e pombas esvoaçam espavoridas. O Santo fica n'um silencio gelado.

RAPHAEL (surprehendido, escutando) :

« Mas que oiço ? Que pancadas são aquellas ? »

UM OPERARIO (que passa de picareta ao hombro, dirigindo-se a uma das portas lateraes da egreja) :

« Começa hoje a arrazar-se a cathedral. »

RAPHAEL

« Destruir... apagar os sóes d'estas janellas !
Arrazar este sonho esculptural !

— (Ouves, Santo ?) — Quebrar essa visão serena
Que se fez pedra e attrahe as aves como a luz !...
Mas que bárbaro o ordena ? »

O OPERARIO

« Toda se arrazará, do alicerce á cruz,
Porque o sol rouba e o ar áquelle Paço novo,
Que o nosso burgo-mestre ergue á Cidade e ao Povo. »

— Aponta para o palacio em construcção, do outro lado da praça. —

RAPHAEL

« E' então entre vós o burgo-mestre um Santo,
Para o amardes tanto ? »

O OPERARIO

« E' poderoso e ríco... »

RAPHAEL

« E dá-vos quanto tem ? »

O OPERARIO

« Moeda d'oiro seu jámais a viu ninguem ;
Mas os seus côches são todos pregados d'oiro,
E sabe-se que para o seu real thesoiro
Trabalha noite e dia, ha vinte annos inteiros,
Por baixo da cidade um povo de mineiros. »

O HERÓE

a D. A. Sanches Moguel.

Tarde doce. Raphael, que vae entrar n'uma antiga cidade, vê sentada sob um alpendre de templo em ruina uma estátua de guerreiro velho. A estátua canta um estribilho de guerra, cuja lettra o tremôr dos beiços torna indistincta. O seu extranho olhar é luminoso como o d'um vivo.

RAPHAEL (dirigindo-se á estátua):

« Velha estátua, o que cantaes,
Que ainda sob a nevada dos cabellos
Vossos olhos anima e torna joviaes,
Como os d'um vivo limpidos e bellos? »

O VELHO (como accordando, para Raphael):

« Senhor, o que eu cantava
Ninguem mais hoje o canta sobre a terra.

E' uma canção velha que chamava
Outr'ora a gente á guerra.
Quando, algum dia,
Esmorecía algum de nós, bastava ouvi-la,
E logo o coração forte sentía.
Por isso me consola ainda sabê-la,
Por isso me dá gosto repeti-la :
Tudo o que me morreu, fala e revive n'ella. »

RAPHAEL (aproximando-se do velho, e encostando-se a uma das columnas do alpendre) :

— « Como sería linda historia de contar
A vossa longa vida... »

O VELHO (o olhar fito, e firmando a voz) :

— « Sou d'um paiz d'alem, junto do mar,
Da terra que é de vinha e laranjaes vestida.

Em vida, e quando eu era adolescente,
Tinha os cabellos d'oiro, e corpo tão perfeito

Que dormia, rogado ardentemente,
De infantas no macio e môrno leito.

Ninguem foi mais do que eu na vida amado :
O meu riso era sol nos olhos das morenas
E nos olhos das loiras, luar doirado.
Eram meus beijos como afágos d'alvas pennas. »

RAPHAEL

« Levastes guerreando a vossa vida inteira ? »

O VELHO (erguendo de leve o braço) :

« Meia vida vivi no exilio mudo
Onde, agora, ainda lembro essa edade primeira.
Mas... vou contar-vos tudo.

Tinha quinze annos quando, um dia, em manhan clara,
— Ao sahir dentre os braços carinhosos
D'alguem, que toda a noite me beijára —
Vi na rua passar, fortes e airosos,
Do *terço* real os moços escolhidos.

Já o aráuto em pregão lançado havia
Que todos accorressem, destemidos,
Junto do moço Rei, que á guerra se partia.

Clangoravam trombetas, e no ar brando
Erguiam-se os balsões como azas palpitando.

Fui tambem. E ao chegar á praça do castello
Vi sobre um corcel negro um moço bello,
Que jámais avistára,
(Pois nunca d'antes eu n'essa cidade entrára) :

— Cabellos de mulher, tombando em anneis pretos,
Pallidez que um rubor tingia levemente,
Olhos negros, brilhando altivamente quietos,
Um desdem secular na bocca adolescente !

Era o Rei.
Preso o olhar n'essa figura rara,
Jurei logo ser d'elle o amigo dedicado.
E alli mesmo por elle me matára,
Pois, de vê-lo, senti logo tornado
Em febre heroica o languido torpôr,
Que trazia do meu leito môrno d'amor.

E disse-lhe : « Senhor, eu quero-vos seguir.
Irei no vosso *terço* combater. »
A sorrir,
Respondeu-me : «Tens pressa de morrer ?
Como has de ir batalhar,
Se és tão novo, e se tens por única armadura
O linho que te deixa adivinhar
D'um peito de creança a unida alvura ? »

« Dae-me, por vossa mão,
Espada que escolherdes, e com ella
O mais bravo serei da vossa legião. »

« A minha te darei, mas has de merecê-la :
Em singular combate vencerás,
Um por um, do meu *terço* os tres moços mais bravos. »

Com sua espada entrei n'esse combate audaz
A sorrir, sob o sol dos meus cabellos flavos.

N'um silencio suspenso e palpitante
Tudo me rodeava.
O moço que, primeiro,
Me chamava a combate era um gigante,

Um duro e taciturno cavalleiro.
As linguas das espadas
Como chammas brilháram.
Mas em vão suas rudes estocadas
Meu peito descoberto procuráram.
Tombou morto, abalando o chão pesadamente,
Sob o espanto e o clamor da multidão fremente.

O segundo, nas manhas adestrado
De quem por ferro só vida fazia,
Ficou no proprio sangue amortalhado,
Tanto sangue vertia !
Quando o terceiro a espada já cruzava
Na minha para, já vencido, vir beijar
A mão de quem a vida lhe deixava,
Ao ver como era nobre e leal o seu olhar.

Então, da turba inteira saúdado,
O Rei desceu e veiu pela mão
Tomar-me : — «Meu irmão,
Terás um corcel branco ajaëzado ;
E a meu lado, levando a espada que é já tua,
E d'uma cotta em vez tua garganta núa,
Has de alcançár-me quanto sonho e intento. »

*

Partimos.
Fronte ao sol, e peito ao vento,
Cavalgava eu, sorrindo, o pôtro da Aventura,
E Elle o corcel negro do Destino.
Palpitavam balsões na luz da manhan pura,
E as trombetas, a arder n'um canto purpurino,
Rhythmavam nossa marcha para a guerra
Em que iamos, sonhando, avassallar a terra.

E o nosso tropel foi pelos paizes
Distantes as proezas estendendo,
Vencendo povos bárbaros, vencendo
Hieráticos reis e imperatrizes.

Vimos, ao Norte, agúdos coruchéos
De cidades polares,
Altas neves fazendo escuro o anil dos céos ;
E do mundo boreal nas noites seculares
Sombras de luar azul errando nas geleiras,
Como almas d'alvas noivas feitas freiras.

Vimos junto do mar, sob os nevoeiros,
Burgos onde, de noite, as lâmpadas ficavam
Como olhos vigiando ao longe os marinheiros
Que pelas águas negras navegavam,
Quando os *goëlandos*, aves de presagio,
Piavam agonías de naufragio.

E foi lá que, ás janellas abrigadas
Sob telhados em capuz,
Vi raparigas de branco toucadas,
As mais bellas em que eu jámais a vista puz,
E que eram doces como aves.
Ao verem-nos partir, ficavam-nos a olhar
Caladas, a scismar,
Pondo toda a alma nos olhos graves.

Ao Sul, nas terras pelo sol mordídas,
Cidades percorrí pelos *Moiros* erguidas,
E onde, d'altos terraços,
Para nos ver, se debruçavam
Moças de quente olhar, que nos lançavam
Vermelhos cravos dos regaços.

Até que, indo de novo atravessar
Terras da Gállia transalpina,

Ao paiz fômos dar,
Que olivedos possue — pátria divina
De poetas, d'artistas — e onde os mármores
Riem na luz do sol, e riem sob as arvores ;
Onde as cidades têem nomes doces que cantam :
Firenze, Verona, Lucca, Sienna,
N'uma lingua que flúe como um canto d'avena ;
Onde em claras manhans carrilhões d'oiro espantam
Vôos de pombas brancas.

E quando lá chegávamos, já francas
Se abriam para nós as portas das muralhas,
D'onde, sobre corceis cobertos d'áureas malhas,
— Entre lindos cortejos de *patricias*
Que de hortos e jardins traziam as primicias —
Vinham dar-nos as chaves dos castellos,
Seguidos de falcoeiros,
Ladeados de pagens bellos,
— Os nobres *Gonfaloneiros*.

*

Mas um dia, correndo e todos alarmando,
Veiu junto do Rei um velho rôto e immundo
Que ha muito, nossos passos procurando,

Caminhára ancioso as partídas do mundo,
Entre fomes, misérias e perígos,
Tendo por leito o chão, e tócas por abrígos.

— E chorava : « Senhor, vosso claro paiz
E' hoje d'um cruel usurpador,
Que do Norte desceu n'um vôo de condôr,
E rei dos réis se diz !

Em vez dos vossos verdes pavilhões,
Sobre as torres esvoáça um pavilhão de treva.
Pelas ruas ha córos d'afflicções,
Ao ver por mãos brutaes ir arrastáda a leva
Das virgens que em tributo o monstro insatisfeito
Vae, rugindo d'amor, possuir no vosso leito.

Nas praças apodrécem corpos, e andam cães
A disputar sôfregamente
A carne, ainda fremente,
Dos moços que o algoz mata á vista das mães ;
Emquanto os corvos descem a varar
Olhos extaticos de mortos,
Olhos que, tristes como abandonados pórtos,
Lembra que á espéra estão do seu fugído olhar.

Temos as nossas casas arrasadas,
Roubadas nossas vinhas e celeiros.
E eu, que era nobre e rico entre os primeiros,
Vim mendigando o pão pelas estradas.

Senhor! Senhor! Voltae á terra abandonada
Por aventuras vans.
Vem tanto d'ella já vossa gente apartada,
Que rosários de noites andareis
E dobadas manhans,
Antes que vos sorríam seus vergeis! »

*

Então deixámos esses paizes,
Essas lindas cidades conquistadas.
Após longas jornadas,
Quando já punham sobrepelizes
De neve os montes,
E quando, já curvadas nossas frontes,
Agoirávamos mortes e derrotas,
— Avistámos por fim nossas muralhas rotas.

Durou annos a guerra.
E, depois de combates e destróços,
Fôram todos os nossos,
Fugitivos, dispersos pela terra.

Ao lado do Rei moço, fui vencido
Tambem, e vi-o — brancos os cabellos —
Derrotado fugir, lançando adeus comprido
A seus vinhedos, bairros e castellos.

E nunca mais ninguem tornou a vê-lo.
Morreu de mágua ou fome, em terras afastadas,
Extrangeiro entre gentes desvairadas.

Onde acabou, nenhum dos seus poude sabe-lo. »

RAPHAEL

« E nunca a vossa terra vistes mais ? »

O VELHO

« Como elle, tive então uma existencia errante,
E nunca mais ouvi, no seu falar cantante,
Gente do meu paiz de vinha e laranjaes.

Após annos de mágua, eternos de passar,
N'esta terra vim dar,
Onde achei mãos de gente que sabia
Aos viandantes dar o sal e o pão.

Cá fiquei desde então.
E das distantes coisas que me ouvia
Teceu-me o povo fama de heróe santo,
Que os maus soube punir, e aos bons seccar o pranto. »

RAPHAEL

« E do vosso paiz, nunca mais nada ouvistes ? »

O VELHO

« Nada, da bôcca viva de ninguem.
Mas, entre as canções tristes
D'esse paiz de escravos, ha de alguem
Ouvir em labios pallidos cantar,
Por séstas e veladas ao luar,
Os dois nomes dos moços cavalleiros,
Como os de heróes florindo em bôccas de troveiros.
Bemdita, seja, pois, minha desgraça,
Se não soffri em vão ; e em vão não soffre quem

Nas almas crentes tem
Sonhos fieis que o choram. »

RAPHAEL

« Sonho é quanto dizeis ; sonhos só moram
Em vossa alma illudida. »

O VELHO

« Pois ainda sonharei depois da vida ?...
E porque chamaes sonho ao que vos digo ? »

RAPHAEL

« Venho d'esse paiz heroico e antigo... »

O VELHO

« Vindes do meu paiz ? Ah ! Dizei-me, Senhor,
O que sabeis e vistes... »

RAPHAEL

De tudo o que lá foi, depois que vos partistes,
Nada é como o sonhou de longe o vosso amor. »

O VELHO

« Mas o meu nome, ainda os corações accorda ? »

RAPHAEL

« Chamastes-vos em vida ?... »

O VELHO

« Dagoberto... »

RAPHAEL

« Entre os vivos, ninguem vosso nome recorda ;
Morreu como um leão perdido no deserto. »

O VELHO

« Esquecido ! Esquecido ! Aquelle que soubera
Só de heroísmo viver.
Ah ! Mas se não é mais do que chimera
O amor das gerações, que vivem de esquecer,
— Não se apaga jámais no peito do Senhor,

Junto de quem um dia batalháram,
A memória d'aquelles que o amáram.
E no exilio, ao lançar sua vista em redor,
Como véla cortando um mar de solidão,
O que d'essa viagem
Lhe levavam seus olhos, era a imagem
D'este que foi na guerra o seu fiel irmão. »

RAPHAEL

« Foi tambem como o povo esse rei cavalleiro.
Pois esqueceu-vos, ao voltar
A' terra d'onde outr'ora, em *terço* aventureiro,
Vos fostes pelo mundo aventurar. »

O VELHO (com um gesto de negação) :

« Estaes louco ! Depois que o vi partir,
Na tarde em que, a meu lado, foi vencido,
Jámais vassallo seu a voz lhe poude ouvir,
Ninguem mais avistou o moço rei perdido.

Só em sonhos... que o tive toda a vida
A bater-me do somno á porta branda,

Como uma alma que vinha perseguida
De lá, d'onde elle errava, e d'onde talvez anda
Ainda, a novos falando a lingua d'outra edade,
Já cégo de chorar e velho de saudade. »

RAPHAEL

« Como vivestes longe ! E para dar
Ao nosso coração
Carinhosas paisagens d'Illusão
Nada ha, nada ha como de longe olhar.

Vosso rei poude ver
De novo seus castellos e vergeis.
E quem lá passe pára a ler
N'um obelisco branco os nomes fieis
D'aquelles a quem mais amou, de seus guerreiros. »

O VELHO

« E não lestes o meu entre os primeiros ? »

RAPHAEL

« Diz o primeiro : « Sou Roberto — o audaz. »

O VELHO (estremecendo) :

« Roberto ! A alma cruel do rei usurpador,
Que nos nossos cevou sua espada voraz ? ! »

RAPHAEL

« Sou Lanzio — o astuto olhar do meu Senhor —
Diz o segundo. »

O VELHO (com repulsão) :

« Lanzio ! Raposa e tigre — monstro immundo !
D'um só e mesmo olhar dúbia chave fazia
Que, a sua alma fechando, as alheias abría ! »

RAPHAEL

« Era Nebo o terceiro... »

O VELHO (com desdem) :

« O moço rastejante e lisongeiro,
— Espelho falso como esquiva onda —
E em que o rei via bella a sua alma hedionda !... »

RAPHAEL

« São esses nomes só, os que os homens vão ler,
Emquanto homens houvér... »

O VELHO (como despertando, após um momento):

« Ah! se eu, em vida ou morto, havia de ficar
Por todos os que amei sempre esquecido,
Para que me víestes despertar
D'uma illusão, d'um sonho ha seculos tecido?
— Maldito seja quem ao mundo trouxe,
Um dia, da Verdade o vinho amargo e puro!
Que a bôcca lhe apodreça assim como se fosse
Pestilento cadaver n'um monturo! »

(Ao dizer isto, a estátua desfaz-se e tomba em pó, como se Raphael lhe houvésse lançado um sôpro de destruição).

O APÓSTOLO

a Albino C. da Silva.

Noite de verão. Bairro afastado d'uma cidade, já perfumado de pomares e hortos, e onde os rumores chegam indistinctos.

Raphael, parando em frente d'uma casa pequena e fresca, vê dentro um moço pállido, de olhar febril e face magra, lendo sôfregamente á luz branca d'uma lámpada. Junto d'elle, de pé, uma rapariga franzina, de delicada e patricia belleza. Após um momento, Raphael ouve :

A RAPARIGA (ao moço que lê) :

« Sempre essa febre d'alma, que devora
Tua vida, queimando
— Como ateado fogo um côlmo brando —
O nosso amor d'outr'ora !

Ai ! Quem pudéra um dia adormecer
Teus sonhos ambiciosos !
Mas sei que te não podem já prender
Meus braços carinhosos.

Quem pudéra voltar aos velhos dias,
Amor, ainda hoje em dia !...
Que é d'esses beijos em que tu sorvías
Minha bocca macia ?

Que é d'esse teu olhar de lago brando,
Na funda transparencia,
Onde, em bandos, os sonhos vi passando
Da minha adolescencia ?

Que é das violas d'oiro que cantavam
N'essa voz clara e calma,
E echos de virgens ermos acordavam
Ao fundo da minha alma ?

Que é d'esse coração, que foi corrente
Gémea d'este, em teu peito,
Como rios d'uma única nascente
E de diverso leito ?

Nem tu poderás mais dizer-m'o em vida,
Pois estás cego e mudo
Para quem foi tua luz, e a prece erguída
N'essa voz de velludo.

E tudo porque os homens agitados,
E as vagas multidões
Lêem nos olhos teus, illuminados
De trágicas visões,

E esperam da voz doce e musical,
Feita para cantar,
O verbo, o sôpro cálido e mortal,
Que ha de o mundo abrazar !

Já o coração tristezas me futúra,
Mal vou adormecendo :
Sonho ver uma bocca immensa e impura
O teu sangue bebendo.

E eu que, assim como era, te amo ainda,
Chóro por te perder,
Se ai ! nem por nova ser e ser tão linda
Te posso mais prender !

(inclinando-se para elle) :

Salva-te em mim ! E' morto acaso o brilho
Que nos meus olhos viste,
Ou nem sequer os vês, do novo trilho
Por onde me fugiste ?

Acaso já não sou a rêde doce,
A rêde d'oiro brando,
Que a tua alma embalou, como se fosse
Um menino sonhando ?

(desolada) :

Ah ! bem sei que já tudo o que foi morre,
E essa alma é sem amor ;
Morta é, como trigal por onde corre
Um vento segador ! »

O MOÇO PALLIDO

« Nunca em tão vivo amor minha alma ardeu,
Nunca tão viva esteve ;
Nem quando a vez primeira junto ao meu
Vi teu peito de neve.

Mas só as almas sabem entendê-la
Que vão com ella arfando,
Ao ir na vida como inquieta véla
Novos pórtos buscando.

(Erguendo-se e estendendo o braço, como a apontar para uma visão):

Se visses o que eu vejo: ao longe erguida,
Enchendo os olhos meus,
Branqueja, d'um sol cándido batida,
A cidade de Deus... »

VOZES DE HOMENS (que passam fóra):

«Vamos? Que esperas tu? »

O MOÇO PALLIDO (á rapariga):

« Ouves? Lá fóra
Já os nossos irmãos
Erguem para a cidade tentadora
As desejosas mãos! »

(vae a sahir).

A RAPARIGA

« Que vaes fazer ? »

O MOÇO PALLIDO

« Cumprir o pacto santo. »

A RAPARIGA (supplicante) :

« E o meu amor, e os meus
Olhos, que de verterem tanto pranto
Já mal vêem os teus ? »

AS VOZES (fóra) :

« Vamos, Vamos... »

A RAPARIGA (cingindo-o nos braços) :

« As vozes que te chamam
Futúram perdição.

(agitada) :

O que esperas, dos que odio só derramam
Do turvo coração ? »

O MOÇO PALLIDO

« Espero o fel dos odios converter
Em vinho e mel doirado,
E de incensos d'amor por todos ser
Como um deus perfumado. »

RAPHAEL (entrando) :

« Louca illusão de crente ! »

A RAPARIGA

« Ah ! Quem sois vós ? »

RAPHAEL

« Alguem que vem dizer
Verdade a quem n'um sonho a vida poz,
E d'isso ia morrer ! »

A RAPARIGA

« Morrer !... Quem sois ? Dizei. Dizei quem sois !
Vindes para o levar ? »

RAPHAEL

« Venho, filhos, salvando-vos aos dois,
Sua alma envenenar ! »

O MOÇO PALLIDO (como despertando, depois de ter olhado por algum tempo para Raphael) :

« Salvar-me !... Envenenar-me ! Não entendo.
Só d'um louco parece !... »

RAPHAEL (sorrindo) :

« Quem d'illusões só vive, em n'as perdendo
E' como se morresse. »

O MOÇO PALLIDO

« Qual é a que essa voz matar-me vem,
Das minhas illusões ? »

RAPHAEL

« A de que o verbo teu domados tem
Homens e multidões. »

VOZES (fóra) :

« Vamos. Vamos. »

O MOÇO PALLIDO (apontando para a porta e indo a sahir) :

« Escuta ! Todos vão
Ouvir-me anciosamente. »

RAPHAEL (sahindo com elle) :

« Vamos... e será cinza essa illusão,
Que ainda é braza ardente ! »

Partem os dois, emquanto a rapariga fica chorando. O moço, dados alguns passos, vae a tomar por uma rua vasta, ao fundo da qual se abre uma larga praça que elle vê, com espanto, absolutamente deserta.

Raphael toma-lhe o braço e leva-o por bairros escuros, e Suburras trágicas, n'uma corrida vertiginosa,

até que entram na ruina d'um templo. Por uma passagem húmida e negra chegam á beira d'uma cornija d'onde, em baixo — nas naves e no cruzeiro da egreja, — se avista uma multidão vaga, enchendo todo o recinto. Sobre um velho catafalco está falando um homem athletico e ruivo, interrompido de momento a momento pelos applausos da turba.

....

VMA VOZ (interrogando) :

« E Pedro, o moço pallido ? »

O HOMEM RVIVO

« Se é bello,
E de todos o mais
Sabio e justo. Se, só de ouvi-lo e vê-lo,
Humildes vos achaes,
— Deve morrer ás vingadoras mãos

Do primeiro dos nossos que o aviste,
Pois só a morte tudo eguala, e torna irmãos
Bandido e Santo ! »

RAPHAEL (a Pedro, que recúa na sombra, aterrado) :

« Ouviste ? »

NAVÍO
DE
PEREGRINOS

a D. Thomas de Noronha.

No convéz d'um navio, que se faz ao largo. Tem anoitecido. Emquanto os peregrinos se agrupam em vários pontos da tolda, Raphael dirige-se a um monge, que reza ajoelhado, junto da amurada.

RAPHAEL (ao monge) :

« Rezaes, amigo, fervorosamente ! »

O MONGE

« Ergue-se emfim radiosa a Deus minha alma crente,
Porque da Graça a pura e abrazadora sêde
Este navio encheu de peregrinos. Vêde ! »

RAPHAEL

« Póde o doirado vinho da Illusão,
Como os moços, os velhos embriagar ! »

O MONGE

« O que dizeis, Senhor ? »

RAPHAEL

« Que é vento d'ambição
O que esta immensa nau ao largo faz vogar.
Em vez d'um religioso e mystico fervor,
Enfunam-lhe o veláme ancias d'amor,
Do imperio e do ouro as fulvas tentações,
E a attrahente visão de novas regiões. »

O MONGE

« Dó sómente merece a bocca peçonhenta,
Que as nascentes da Fé contaminar intenta !

E a que vindes então aqui, alma perdida ? »

RAPHAEL

« Para ver se afinal tem praia o mar da Vida. »

O MONGE

« Pobre louco... »

RAPHAEL

« Se é louco quem, no mundo,
Das almas vem dizer o segredo profundo ;
Quem, desfolhando a flôr de muito sonho antigo,
De dentro tira o fructo amargo da Verdade. »

O MONGE

« Dae-me então a provar do amargo fructo, amigo :
Não devo recear prova-lo n'esta edade ! »

RAPHAEL

« Vós mesmo, santo Velho, o colhereis.
Basta-vos escutar
O que n'este convéz os peregrinos fieis
Vão confiando aos astros e ao luar. »

(O monge levanta-se e segue Raphael junto dos diversos grupos, escutando cautelosamente o que os peregrinos dizem. E ouvem) :

VM MOÇO ROMEIRO (a outros) :

« Como a vós, só me attrahe o sonho da Belleza.
Só busco ao largo a terra onde ainda espéro ver —
— Flôr de carne que fosse a alma da natureza —
De todas, a irreal e *única* Mulher,
Aquella que, jámais dos olhos meus colhida,
M'os prende eternamente e m'illumina a vida ! »

VM VELHO (d'aspecto duro e altivo) :

« Despojado de nobre e hereditário imperio,
Vou, á sombra da Fé, tomar um paiz novo,
Onde só do meu nome o trágico mysterio
Curve como o nordéste a seara vil do povo. »

VM AMBICIOSO

« Adivinha-me o olhar, ao longe, uma paragem
Onde me espéra occulto e colossal thesoiro ;

E se agora me leva esta nau de romagem,
E' que sonho voltar n'uma galéra d'oiro ! »

OVTRAS VOZES

« Tem para nós o Longe um canto de sereia,
E, ao cortarmos agora a vastidão do mar,
Uma só Fé nos leva — a renascente idéa
De que ainda sobre a Terra ha mundos a encontrar. »

RAPHAEL (ao monge) :

« Ouvís ? »

O MONGE

« Amarga muito o fructo que me déstes !

(n'uma prece) :

Ah ! Se pastor d'um tal rebanho me fizestes,
Senhor, e se eu hei de ir gafar o novo mundo,
— A minha nau deixae perder no mar profundo ! »

EPÍLOGO

a Carlos de Mesquita.

Gabinete vasto, forrado de altas estantes de carvalho. A um lado, uma larga mesa coberta de livros. Em frente da mesa, ao outro extremo da casa, um busto de Platão, em marmore, sobre um pedestal de ébano. Duas janellas, ao fundo, abrem para uma perspectiva de montanhas.

RAPHAEL (de pé, a Philaletho, que o ouve tambem de pé):

« Já nada mais me resta a destruir!
Já desfeitas em pranto ví cahir
Nuvens de sonho, á minha voz.
Deixei após
Os meus passos ficar tudo no mundo
Chorando um pranto longo e profundo!

Murcháram rosas em manhans calmas,
Calarám-se aves, neváram tranças,

Finarám-se d'amor abandonadas almas
E peitos brancos de crianças,
Só por ouvirem a mortal canção
Da minha voz cruel e dolorida.
A Fé morreu nos corações, e a Vida
Já não se chama Acção.

Meus olhos desbotáram
As creações da Terra em que poisáram !
Por onde passei, cortando
Rios do Tempo, campos do Espaço,
A vida fez-se espelho baço,
Por onde fui passando.

— E acaso ainda não mereço
Colher aquella promettida Flôr
Que ha de, emfim, ser o preço
De tanta provação, de tanta dôr ? »

PHILALETHO

« Vaes tê-la e, de aspira-la apenas um momento,
Has de sentir, emfim, tranquillo o coração,
Dos homens esquecer o rude e vão tormento,
E a Verdáde ver mais bella que a Illusão.

Vaes tê-la e, de aspirar-lhe o singular perfume,
Na lúcida embriaguez da Idèa illimitada,
Feito Deus, attingir o fecho que resume,
Como um fecho d'ogiva, o Existente e o Nada.

Vaes tê-la ; e, ao fital-a apenas um instante,
— No extase fugaz d'essa contemplação —
Verás crystallisada a Forma ideal, constante,
A que, ephemeramente, aspira a Creação.

Vaes tê-la, e ha de dar-te a suprêma ventura
De nada desejar. E, ao ver a Forma e a Essencia,
No mundo d'onde vens — olhado d'essa altura —
Nada mais has de ver que um fumo d'apparencia. »

(Partem) :

A meio d'uma íngreme montanha. Philaletho sobe seguro e firme, fitando o píncaro do monte no meio d'uma neblina, — leve aos seus olhos frios e vivos — mais densa aos olhos de Raphael, que sobe a custo, hesitante, olhando a meúdo para o tapete de colinas, valles, planicies, rios e mares que, a seus pés, formam a Terra.

PHILALETHO

« Fez-se já mudo e escuro o mundo ; e para nós
E' cada vez mais puro e luminoso o céo. »

RAPHAEL

« Oiço erguer-se da Terra uma indistincta voz.
A névoa põe na altura um traiçoeiro véo. »

(pára).

PHILALETHO

« Vamos, o que te prende ? »

RAPHAEL (apontando a Terra):

« A voz marinha e vaga
Das sereias do mundo. »

PHILALETHO

« Acaso renuncias
Então á extranha Flôr que tanto appetecias ? »

RAPHAEL (tentado pela voz que sobe da terra):

« O canto augmenta, e pouco a pouco o espaço alága. »

PHILALETHO

« Vens dominado já pela allucinação
Que nas alturas cria illusorios rumores.
Sobe ! Sobe ! »

RAPHAEL (desalentado) :

« Que fria e funda solidão !
N'esta altura nem passa o vôo dos condores. »

PHILALETHO (imperioso) :

« Sobe ! »

RAPHAEL

« Quero seguir-te e o píncaro attingir,
Onde me espéra a Flôr divina e mysteriosa.
Mas atravez do espaço, a subir, a subir,
Chama sempre por mim a sereia saudosa. »

PHILALETHO

« Já perto vejo o cimo olympico do monte ! »

RAPHAEL (detendo-se a escutar) :

« Já n'essa voz distingo agora muitas vozes. »

PHILALETHO (já muito distante):

« Nado em luz ! »

RAPHAEL (com terror)

« Como em cima, agora, do horisonte
As nuvens em tropel rodeiam-me velozes. »

O CÔRO DA TERRA (subindo uníssono):

« Regressa á Terra, alma exilada;
A Vida sabe ainda cantar.
Demanda a praia abandonada,
Errante olhar, náufrago olhar. »

RAPHAEL

« Ai ! Pudésse eu voltar d'estes espaços
A' Vida, que de novo reverdece.

Mas tudo, tudo já desapparece.
Meus olhos cortam horisontes baços. »

CÔRO DA TERRA (mais vivo e tentador):

« Volta dos cimos nús ao mundo.
A Terra, — verde como o mar,
Filha do mar calmo e profundo —
A verde côma espalha agora,
Que o sol do Estío ha de tornar
A beijos d'oiro fulva e loura. »

RAPHAEL

« Ai ! Quem me déra ver a Terra e a Vida !
Quando vos percorría, duros montes,
Planuras e vergeis, que nem já vejo,
— Cançado de seguir a fuga indefinida
Dos aspectos — sonhava os largos horisontes
Onde a visão da Forma enche e mata o Desejo.

E agora, que tão longe estou de vós,
E tão acima,
— Só quizera descer, n'um ímpeto veloz,
Como ave a quem de longe ainda anima
A vista do arvoredo onde nasceu.
Só quizera — eu, perdido ao escalar o céo
A' procúra da Flôr de divina Belleza —

Voltar a ser quem fui, e confundido andar
No rhythmo universal da cega natureza,
Feito grão, feito aroma, ou mesmo feito pó.
Ah ! Já me não diria o meu viuvo olhar :
« Sonhar a divindade é ver-se só. »

CÔRO DA TERRA (os homens) :

« Começam já de novo lidas
De sementeiras e de amanhos.
Ha romarias nas ermidas,
E, dos casaes para os outeiros,
Exodos lentos de rebanhos,
Lentas canções de pegureiros.

Pelo mar, vão as leves quilhas
Abrindo sulcos, que se apagam,
Mas nas bahías, as flotilhas
São como cysnes que se afagam. »

RAPHAEL

« Ai de mim ! Ai de mim ! Sou como o marinheiro
A quem a pátria verde e estreita não bastasse,

Mas que, sonhando em vão amplo porto sólheiro,
Se perdesse e, ao voltar, perdido ainda ficasse. »

CÔRO DA TERRA (os homens) :

« Tudo ainda canta sobre a Terra,
Onde ardem sarças de desejos.
O Amor n'um cinto a Vida encerra ;
As boccas são môstos de beijos. »

RAPHAEL

« O vento corta em fio.

Como um navío em gêlos encalhado,
Meu pobre coração, na solidão varado,
Morre, morre de frío. »

CÔRO DA TERRA (os homens) :

« Chama-se a Vida Acção, de novo,
Santos e heróes vão mundo fóra
Levando a cada imperio e povo
Verbos de Fé, clarões d'aurora. »

RAPHAEL

« Desfallece-me o braço. Em vão, em vão
Pedem meus olhos cegos claridade.
Morro porque tentei *ver* a Verdade,
E o mundo... « o mundo vive d'Illusão. »

Coimbra, 12 d'abril de 1896.

AQVI
TERMINA
ESTE
POEMA.

ACABOV DE IMPRIMIR-SE
ESTE POEMA AOS VINTE
E QVATRO DE NOVEMBRO
DE MIL OITOCENTOS NOV
ENTA E SEIS NA TYPOGRA
PHIA DE FRANCISCO FRAN
ÇA AMADO. EM COIMBRA.

This book should be returned to
he Library on or before the last date
tamped below.

A fine of five cents a day is incurred
oy retaining it beyond the specified
time.

Please return promptly.

BOOK ... WID
F ... 8 1979
6 ... NOV 30 1978